

Literatura de Cordel, Oralidade e Cultura Popular

Pesquisadora franco-brasileira discute a história da literatura de cordel e a atualidade das formas de expressão popular no Brasil

Karina Janz Woitowicz¹

Entre um e outro verso da literatura de cordel, citando poetas populares brasileiros e sua diversidade temática, a professora Dra. Idelette Muzart-Fonseca dos Santos² conta, em entrevista à *Revista Folkcom*, a riqueza da cultura popular brasileira, destacando suas características e especificidades.

Professeur des Universités, Chargée de mission Brésil (Université Paris X - Nanterre, UFR de Langues), Idelette cursou Doctorat d'Etat ès Lettres et Sciences Humaines em junho de 1981, na Université Paris 3/Sorbonne Nouvelle. Também atuou como professora por 18 anos na Universidade Federal da Paraíba.

Trabalhando há 30 anos com literatura brasileira, na perspectiva da oralidade, a pesquisadora desenvolveu diversos estudos sobre literatura de cordel, especialmente acerca de temáticas como guerras mundiais e disputas políticas. É a partir desta trajetória que ela destaca a criatividade, a crítica e a ironia presentes nos versos dos cordelistas como traços próprios da cultura popular brasileira.

Bem-humorada e com uma vasta bagagem de referências literárias, Idelette recupera importantes referências sobre o cordel no Brasil, passando de elementos históricos às novas perspectivas de utilização deste meio de expressão popular. Através das palavras da pesquisadora, transparece a espontaneidade e a criatividade que fazem com que a literatura de cordel figure como uma das mais importantes marcas da cultura brasileira, registrando personagens, fatos e histórias diversas. E é esta presença da literatura popular na história e no cotidiano que Idelette revela com entusiasmo nas linhas que seguem.

Karina: *Em uma coleção de literatura de cordel publicada pela Editora Hedra, consta a informação de que existem mais de 30 mil folhetos e 2 mil autores classificados, o que revela um número bastante significativo em termos de produção de literatura de cordel no Brasil. Esta é uma manifestação cultural própria do Brasil? Existe algo semelhante em outros países?*

Idelette: Como modo de circulação da literatura popular, existem em outros países formas de publicação leves, de volume pequeno, marcadas pela circulação rápida, em circuitos alternativos, como acontece na França, na Espanha e em outros países não-europeus. (...) Eu gostaria mais de falar das dessemelhanças, do que faz, talvez, uma especificidade do Brasil. Porque tem muitos pontos comuns, mas não é a mesma coisa. No Brasil, a existência da gráfica é um fenômeno muito tardio em relação à história da imprensa. Os livros existiram, é claro, mas vindos do exterior. A literatura de tradição oral continuou durante muito tempo: as lendas e os contos foram sempre passados pela via oral.

¹ Jornalista, professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR, doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

² A professora ministrou a palestra "A redescoberta da voz e da tradição: novos objetos, novas pesquisas históricas" em agosto de 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina, promovida pelos programas de pós-graduação em História e doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. A entrevista exclusiva para a *Revista Internacional de Folkcomunicação* foi gentilmente concedida na ocasião.

A poesia existe no Brasil e em outros países. O desenvolvimento da cantoria se dá a partir de um evento, ou ‘mito fundador’, que é o encontro mítico, talvez histórico, não sabemos bem, entre Romano de Teixeira e Inácio da Catingueira, um branco e um preto, dono de um escravo e escravo o outro. É interessante observar esta questão do escravo porque Inácio é extremamente jocoso, gozador, quando Romano quer fazer valer o discurso da autoridade, dizendo “escravo, esta é sua guia, o seu mestre sabe onde você está”, ele diz “claro, sabe, mas não é assim, tem muitos escravos, o senhor só tem um”, ele devolve sempre em tom de brincadeira as tentativas de dominação do discurso autoritário.

Isso é o início da cantoria. Ela se desenvolveu e continua presente nas improvisações – às vezes nem tão improvisadas quanto parecem – mas, enfim, continua...

K: *Como se dá a relação entre o texto oral e o escrito, ou seja, entre a cantoria e o cordel?*

I: O que é característico, o que é inovador no Brasil é esta passagem da prática da cantoria sobre as narrativas tradicionais da oralidade e de alguns livros que tinham sido publicados para a versificação. A partir disso cria-se uma literatura de mascate, de cordel, folhetos de feira (que é a denominação popular), em um processo extremamente original. Há pouquíssimos versos na literatura. No século XIX, fim do XVIII, eu encontrei apenas um folheto. Existem outros em Portugal que são em verso, mas a enorme maioria está em prosa, assim como na França. Então nós temos uma originalidade profunda da literatura de cordel brasileira que está em verso. Isso significa que ela está ligada à voz. É por isso que se diz que o folheto é a escritura da voz. Historicamente, isso foi verdadeiro, pois havia composições orais que depois eram passadas para a escrita. (...) Depois, muito rapidamente a criação foi diretamente escrita, mas sempre conservando esta dimensão da voz, pois a voz dá a sonoridade, o ritmo e a vida à escrita do cordel.

(...) No Brasil há uma originalidade profunda da literatura de cordel, essa escrita que mantém a relação com a voz e ao mesmo tempo não hesita em utilizar técnicas mais recentes disponíveis no mercado. Isso acontece no final do século XIX, durante o século XX e agora, mais recente, com poetas escrevendo e vendendo na internet.

K: *Sobre a produção cultural na internet, o que este novo meio representa para a produção e circulação do cordel?*

I: Primeiro, uma economia célebre porque papel é caro. Na internet os poetas produzem o folheto, divulgam e existe encomenda. Eles podem imprimir em pequenas quantidades, não precisa de estoque. Isso se chama o fabrico do produto em função das encomendas. Eles têm esta capacidade de se adaptar, de encontrar soluções novas, eles são os verdadeiros heróis dos espaços intersticiais.

K: *Em uma de suas pesquisas, envolvendo conflitos mundiais, você identificou a crítica e a ironia como elementos próprios do cordel. Como o Brasil é falado através destas características?*

I: É difícil dizer, porque o cômico, o jocoso, a piada, são características da cultura popular em qualquer forma, não somente do cordel. No caso do cordel, temos que estabelecer uma diferença nítida entre os momentos de publicação. Se encontramos atitudes de crítica à ação internacional de Juscelino Kubitschek é porque havia democracia no Brasil nesse momento. Quando há risco para sua pele, o poeta popular prevê isso. Então temos, por exemplo, folhetos sobre a 2ª Guerra Mundial que terminam com “viva o Brasil”, e isso não é numa dimensão de crítica social. Ela existe, mas não

se faz nestes termos. É possível encontrar essa crítica, mas ela está colocada em outro nível. Há um exemplo muito significativo disso que é um dos folhetos mais conhecidos e mais belos – eu gosto muito dele – que chama-se “A viagem a Sansaré”, de Manoel Camilo dos Santos, poeta paraibano, que teve o prazer de conhecer e que morreu há alguns anos. Ele foi tipógrafo, tinha uma editora, e ele tinha uma característica muito interessante: quando ele escreve em prosa, você fica absolutamente arrasado, e em poesia ele é uma maravilha. (risos)

Neste folheto, ele cria um poema que é a viagem de um poeta a um país imaginário onde tudo é maravilhoso: não precisa trabalhar, porque se você precisar de dinheiro tem árvores de bilhetes de 100 e de 1000, se você precisa vestir tem árvores de chapéu e árvores de sapatos, se você precisa comer o peixe pula do rio e já vem assado e temperado, e assim por diante: tudo é bom, fácil e bonito. Havia uma crítica ideológica nesta fuga da realidade porque o poeta propõe, nesta viagem, a busca por um país utópico, de maneira a esquecer um presente doloroso. (...) Esta é uma maneira de dizer que neste mundo real nós temos que sofrer, temos que trabalhar, passar por muita dificuldade. Isso mostra que quando você inventa um mundo que é o inverso do seu é também uma maneira de criticar.

Tem duas coisas que o poeta não diz que lá é diferente daqui, que é em relação às mulheres e às crianças. Lá, as mulheres são obedientes e fazem tudo para satisfazer os homens. Lá, os meninos são bem criados – é isso que os pais querem na vida real. Estar satisfeito com a vida está relacionado à mulher e à família. Todo o resto ele quer inverter, mas isso ele não inverte. Então passa a ser um discurso de denúncia, mas que precisa ser captado, entendido...

K: *E sobre a presença das mulheres na literatura popular... Sabe-se que são poucas as mulheres que fazem cordel e que elas costumam aparecer nos escritos por um viés machista...*

I: Sobre este aspecto, eu observo que principalmente na cantoria existem poucas mulheres, o que não significa que tem muitas no cordel. Na cantoria, é a mulher realmente machista. E chama-se cantoria, mas é a peleja, o desafio, o desaforo, ou seja, é a violência que reina. E é de um machismo incrível, chocante. As mulheres que fazem cantoria geralmente entram nessa jogada. Porém, há casos interessantes que fogem desta visão. Tem uma mulher paraibana que eu acho muito interessante - e merece ser estudada - que se chama Soledade; ela tem uma estrofe muito bonita em que diz: “eu sou mulher, sou repentista, sou bruxa, sou feminista, sou muito mais (...)”. A palavra bruxa é muito forte, porque ela assume os elementos proibidos, da transgressão. Ela tem uns versos de uma consciência aguda. E não é a única cantadora que fala sobre isso... Também há mulheres no cordel escrito.

K: *O cordel se abastece de fatos do cotidiano, de referências do efêmero. Qual é a relação que a literatura de cordel tem com o jornalismo?*

I: É claro que existe uma relação. O poeta popular bebe das fontes do jornalismo. Ele lê os jornais, as revistas, ele se informa no rádio ou na televisão, ele escreve daquilo que escuta e vê. (...) Houve quem defendeu a idéia de que o cordel teria sido o jornal do pobre. Eu não sei se podemos dizer isso exatamente, pois ele não tem este papel de passar a informação. Ele vem mais no comentário, em um outro olhar sobre a informação. Trata-se de uma outra maneira de pensar, de falar. Isso é muito importante. A maioria dos fatos referidos pelo cordel, quando são grandes fatos históricos, está nos jornais e as pessoas já estão informadas sobre o assunto. O modo de falar é que é diferente. Eu me lembro de alguns folhetos publicados em eventos nacionais ou

regionais, em que podemos observar a maneira de falar sobre os fatos por uma espécie de drama, de chorar com as vítimas, de compaixão, às vezes de denúncia também. E tem também a maneira jocosa. Nos anos 70, houve uma grande enchente em Recife. E foi uma coisa bastante catastrófica. Então saiu um folheto “A desastrosa enchente de Pernambuco em 1975” que mostra a situação de dificuldade, descrevendo o ambiente dramático que se fez. Só que poucos dias depois aconteceu uma falsa notícia de enchente. Disseram que a barragem que está situada acima do rio tinha quebrado e que uma onda gigante estava avançando. E, evidentemente, na época se acusava os cabeludos, os esquerdistas, de toda responsabilidade que se instalava. Então, o poeta popular faz um folheto onde ele fala sobre “a corrida que nós demos com a mentira cabeluda”. E faz uma apresentação desta população que corre, e quem está lendo ri muito. Há uma descrição realmente ridícula e bem crítica de toda situação. O poeta realmente brincou com esta notícia e fez um folheto que com certeza vendeu mais do que o outro.

K: *Existe uma geração de novos cordelistas brasileiros, que mostram que esta expressão cultural permanece muito presente em determinadas regiões do País. Eles mantêm a estrutura original do cordel? Como você observa a literatura popular atualmente?*

I: Existem novos cordelistas, em vários estados, e existe também uma maior abertura na utilização do cordel. Eu acho algo bem excêntrico, muito interessante de ver, poetas (não necessariamente populares) que utilizam o cordel como uma modalidade poética. (...) Em Salvador eu encontrei pessoas que trabalham com animação comunitária, com os jovens da periferia, com aulas para ajudar os alunos com dificuldade, e eles todos encontram muita facilidade, muita naturalidade, no cordel. Isso é maravilhoso, pois se este fenômeno se generalizasse, mostraria que há uma espécie de integração natural do cordel na cultura brasileira, e não necessariamente na cultura popular.